

Estados Unidos e Irã retomam negociações pelo fim da guerra

Como esperado, a solução para o conflito esbarra em exigências de ambos os lados

As negociações entre o Irã e os Estados Unidos começaram no sábado (25), após uma semana de intenso vaivém diplomático para achar uma solução para o conflito entre os rivais. Até o formato das conversas é objeto de disputa.

Na sexta-feira (24), o chanceler da teocracia, Abbas Araghchi, havia anunciado que iria ao Paquistão. Segundo a mídia estatal iraniana, ele não iria se encontrar com representantes americanos, e sim apresentar as propostas de Teerã para os anfitriões, que então as repassariam a Washington.

Poucas horas depois, integrantes do governo americano informaram a diversos veículos que dois negociadores estavam a caminho de Islamabad, Steve Witkoff e o genro presidencial Jared Kushner, que cuida dos interesses empresariais do sogro mesmo sem ter cargo oficial.

Ficou de fora, provavelmente por dificuldades no arranjo de segurança em cima da hora, o vice-presidente J. D. Vance, que Trump havia anunciado ao longo da semana como pronto para voar ao Paquistão. Ele comandou, ao lado de Witkoff e Kushner, a rodada fracassada de conversas entre os rivais há duas semanas em Islamabad.

Araghchi disse no X que irá também a Omã, país que mediava as conversas com Washington antes da guerra e acabou sendo alvo de retaliação iraniana durante o conflito, apesar de Teerã dizer que não tinha intenção de atacar. Depois, voará para a Rússia, onde tem em Vladimir Putin um aliado.

Na terça (21), Trump adiou por tempo indefinido a trégua que havia estabelecido no dia 7 passado com o Irã, após cinco semanas de ataques americanos e israelenses ao regime islâmico. As conversas iniciais em Islamabad se deram logo em seguida.

A prioridade de Trump, entre tantas anunciadas ao longo da guerra, era a reabertura do estreito de Hormuz, vital para o mercado de energia do planeta. O trânsito de petroleiros e de outros navios havia caído a 10% do usual com o conflito.

O Irã manteve o controle, minando parte da região para obrigar o estabelecimento de uma rota por suas águas, com pedágio para embarcações.

O americano buscou combater isso com um bloqueio próprio, contra navios indo e vindo de portos do Irã. Com isso, Teerã rejeitou



Dean Calma/IAEA

Abbas disse que não se encontraria com americanos, mas delegação de Trump foi a Islamabad

a ideia de negociar. Trump desistiu de retomar a guerra, o que deveria ocorrer com o fim do cessar-fogo na terça, mas manteve o embargo.

Com isso, o Irã se apegou ao que chama de violação de trégua para rejeitar negociações diretas. Resta agora saber se haverá encontro direto entre Araghchi e os americanos, ou uma repetição do modelo das negociações sob a mediação do Omã, quando os times passavam mensagens em salas separadas por meio de terceiro.

Em entrevista sobre o conflito, o secretário Pete Hegseth (Defesa)

apenas disse que “o Irã sabe que ainda tem uma janela aberta para escolher sabiamente à mesa de negociações”. “Tudo o que eles precisam fazer é abandonar [o desejo de ter] uma arma nuclear de forma séria e verificável”, disse.

Hegseth insiste em que a entrada e saída de Hormuz estão sob controle americano, e diz que o bloqueio se estende a qualquer ponto dos oceanos. Na quinta, os EUA anunciaram ter abordado um navio com petróleo iraniano sob sanção no oceano Índico, um dia após o Irã apreender dois cargueiros perto de sua costa.

A questão do programa nuclear iraniano é o “casus belli” mais citado neste conflito. Em 2018, Trump abandonou um arranjo em que Teerã renunciava à bomba. O acordo limitava as capacidades de enriquecimento de urânio por 15 anos sob supervisão da ONU.

Os EUA alegaram que o Irã podia violar a qualquer momento o acordo. Agora, pelos termos que transpareceram das conversas de antes e depois da guerra, podem acabar aceitando algo semelhante. Teerã quer em troca o fim de sanções econômicas, como no acerto de 2015.

A complicação é Hormuz, que não estava à mesa antes. O Irã quer manter o pedágio e o controle, algo rejeitado por americanos e aliados árabes dos EUA. Uma solução intermediária poderá ser uma cobrança dupla, da teocracia e também de Omã, que fica na margem sul do estreito, mas os países do golfo Pérsico são contrários.

Há diversos outros itens, como a eventual reparação pela destruição da guerra e o programa de mísseis de Teerã. Mesmo tendo seu governo decapitado e as Forças Armadas fortemente afetadas pelos bombardeios, a teocracia manteve capacidade de lançar drones e mísseis contra Israel e os vizinhos árabes.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Trump ameaça rever status das Malvinas em retaliação à Otan

O vazamento de um e-mail interno do Pentágono nesta sexta-feira (24) reacendeu o debate sobre a soberania das ilhas Malvinas, um território ultramarino britânico que a Argentina reivindica para si -talvez o único consenso dos argentinos na atual polarização política que divide o país.

Segundo a agência de notícias Reuters, um funcionário americano afirmou que a mensagem do Departamento de Defesa menciona possíveis punições a membros da Otan que, na visão dos Estados Unidos, não apoiaram as operações de Washington na guerra contra o Irã.

Entram na lista a Espanha, governada pelo socialista Pedro Sánchez, e o Reino Unido, governado pelo trabalhista Keir Starmer. Segundo a agência, o primeiro país poderia ser punido com a suspensão de sua participação na aliança

militar ocidental; o segundo, com a revisão dos EUA sobre a soberania das Falklands, como o local é chamado em inglês.

Questionado pela Reuters sobre o e-mail, o secretário de Imprensa do Pentágono, Kingsley Wilson, repetiu o que o presidente Donald Trump vem afirmando nos últimos meses. “Apesar de tudo o que os EUA fizeram por nossos aliados da Otan, eles não estiveram presentes para nós”, afirmou.

“O Departamento de Guerra garantirá que o presidente tenha opções viáveis para assegurar que nossos aliados deixem de ser apenas figuras decorativas e passem a fazer a sua parte. Não temos mais comentários a fazer sobre quaisquer deliberações internas a esse respeito”, completou.

Enquanto Sánchez disse literalmente “não à guerra” iniciada por



Casa Branca

Vazamento de email interno reacendeu debate sobre ilhas

EUA e Israel, Starmer deu um apoio hesitante a Washington. Em março, após se recusar inicialmente a ter qualquer papel nos ataques contra o país persa, o premiê permitiu que os EUA usassem bases militares de seu país para um “propósito defensivo específico e limitado” em meio à retaliação iraniana, mas reafirmou que não participaria “de ações ofensivas no Irã”.

Foi o suficiente para Trump passar a atacar Starmer, chamando-o de covarde e descrevendo os porta-aviões britânicos como “brinquedos”. “O Reino Unido tem sido muito, muito pouco cooperativo”, disse o republicano na ocasião.

Atualmente, o site do Departamento de Estado afirma que as ilhas Malvinas são uma “questão bilateral que precisa ser resolvida diretamente entre os governos da Argentina e do Reino Unido”.

“Encorajamos ambas as partes a resolverem suas divergências por meio do diálogo nos canais diplomáticos normais. Reconhecemos a administração de fato do Reino Unido sobre as ilhas, mas não tomamos posição em relação à soberania”, completa.

É exatamente esse reconhecimento da administração que pode estar em jogo, segundo a Reuters.

Se a relação de Trump com Starmer está difícil, a com Javier Milei está em um de seus melhores momentos -antes das eleições legislativas de outubro, das quais o ultraliberal saiu vitorioso, os EUA enviaram um pacote de resgate financeiro bilionário para ajudar o aliado.

“Estamos fazendo tudo o que é humanamente possível para que as Malvinas argentinas, as ilhas, todo o território, retornem às mãos da Argentina”, disse Milei em entrevista a uma rádio publicada em sua conta na rede social X nesta sexta. “Estamos progredindo como nunca antes.”

Seu chanceler, Pablo Quirno, também se manifestou na mesma plataforma, pedindo a retomada das negociações com Londres.

“A ocupação de 1833 foi um ato de força contrário ao direito internacional vigente à época, que violou nossa integridade territorial e instaurou uma situação colonial que persiste”, disse, sobre a ação que expulsou os argentinos do território no século 19. “Por história, por lei e por convicção: as ilhas Malvinas são argentinas”, completou, ecoando a frase que aparece até mesmo nas janelas de ônibus de Buenos Aires.

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)